



O BRASIL DIMENSIONADO PELO FUTEBOL

Doi: 10.4025/8cih.pphuem.3376

Agnaldo Kupper, UNESP

Claudinei Magno Magro Mendes, UNESP

Resumo

Particularmente no Brasil, a prática futebolística está inserida nas relações sociais e como tal sujeita a novas participações, a novos sentidos e significados. Desta forma, é parte integrante das mudanças engendradas pelo nosso processo histórico. Desprezar o tema é rejeitar o cotidiano, o lúdico, o sentimento que permeia gerações, por onde insatisfações, frustrações e explorações são extravasadas. O futebol desenhou e desenha o Brasil, quando vitórias e derrotas passaram (especialmente a partir da Copa de 1938, realizada na França) a ditar rumos e revisões de caminhos de um país. Seja no imaginário de um povo, seja no esvaziamento da luta sindical do primeiro quartel do século anterior, seja desenhando planos diretores de cidades, seja na integração do negro na sociedade brasileira (não sem percalços e guinadas, caso do goleiro Barbosa em 1950 e da euforia por Pelé oito anos mais tarde), seja utilizado para afirmar a ditadura militar, seja como caminho para a abertura democrática, seja ensaiando o lulismo, seja representando a imagem do Brasil nas Copas que venceu ou perdeu. Seja num 7 a 1.

Palavras Chave:

Futebol; imagem; imaginário; contextos.

Introdução

Foi no século XVIII, com a consolidação do parlamentarismo e a Revolução Industrial, representando a vitória do capitalismo sobre a sociedade inglesa, que começaram a ocorrer mudanças no jogo da bola. Aos dirigentes da aristocracia interessava reformular a educação então dominante no país. O futebol, esporte que vinculava disciplina e solidariedade, serviria ao propósito. Para tanto, regras fixas foram criadas.

O processo de urbanização vivido na segunda metade do século XIX na Inglaterra relaciona-se com o processo de proletarização do futebol. Giulianotti (Giulianotti, 2002, p. 20) aponta que, entre 1820 e 1860, abriu-se um vazio no lazer popular inglês a partir do abandono de antigos esportes praticados nas aldeias.

Em 1863, surgiu o chamado futebol moderno, quando representantes de onze clubes e escolas reuniram-se e fundaram a *Football Association*, em Londres (daí onze jogadores em cada time). Neste mesmo ano, o futebol foi codificado em apenas quatorze regras (atualmente, são dezessete), tornadas públicas em livros e cartilhas distribuídas pelo país, como uma forma de controle sobre as emoções. Ao que consta, as regras do futebol vinculam-se ao parlamentarismo, onde o poder não está concentrado apenas em um indivíduo, mas é dividido entre setores sociais rivais, o que exige negociação e revezamento dos grupos através de leis, porém com regras de conduta e participação. A partir dos britânicos, a febre futebolística espalhou-se pelos mais diversos cantos do planeta.

No Brasil, a existência de numerosos portos aliada ao grande território do país torna difícil precisar um local correto da introdução do futebol. No

entanto, São Paulo, até pelos investimentos ingleses, teria sido a primeira cidade brasileira a assistir pejejas disseminadas pelas suas vias, porém acompanhada bem de perto pelo Rio de Janeiro. Oficialmente, o futebol association foi trazido para o Brasil (especificamente, São Paulo) por Charles Miller (1874-1953), embora parem dúvidas a respeito.

O processo de introdução e proliferação espacial do futebol no Brasil acompanhou a heterogeneidade territorial do país, ou seja, a distribuição e a estrutura do sistema urbano, as conexões com o exterior, o dinamismo de cada cidade e particularmente a geografia do Imperialismo Britânico, que em determinado período imprimiu-se de forma destacada na composição técnica do território brasileiro. Somente num segundo momento é que as metrópoles nacionais nascentes passaram a atuar como difusoras do futebol¹, caso de São Paulo.

A elitização do futebol no Brasil teria um tempero racial, uma vez que a escravidão havia sido abolida há pouco, especificamente 1888, e o trabalho estava associado ao esforço, portanto, ligado a negros e pobres. Às elites, a associação de atividades físicas como forma de fortalecimento da relação corpo e mente². Em unidades como Rio de Janeiro e São Paulo, o futebol, paulatinamente, foi construindo a “marca do jogo da higiene e da saúde” (Pereira, 2000, p.52). Aos poucos, clubes financiados por empresas – a exemplo do Bangu, proliferaram no Brasil. Várias seções, vários times, o que passou a exigir certa organização.

Os valores de contribuição fornecidos pelos praticantes eram irrisórios, o que os fez recorrer comumente à direção das fábricas, que

1 Interessante observar trabalho de Gilmar Mascarenhas de Jesus: *Várzeas, operários e futebol, uma outra Geografia*. Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2008

2 No Brasil, o regulamento dos primeiros torneios de futebol previa que apenas jogadores alfabetizados não realizadores de trabalhos braçais poderiam atuar

passaram a subsidiar a atividade, como cessão de terreno e construção das sedes sociais dos clubes, além do pagamento de aluguel, energia elétrica, uniformes, chuteiras, limpeza dos uniformes, transporte de jogadores, entre outros.

Patrocinados pelas direções fabris, as mesmas exigiam certo retorno dos investimentos, fiscalizando atividades as atividades através de balancetes e relatórios. Talvez uma forma de controle. Com isto, os operários tinham papel secundário na organização e direção dos clubes formados, já que regimentos internos e estatutos eram elaborados, estabelecendo direitos e deveres aos associados.

Justificativa

O tema *futebol* não recebeu, por parte da grande maioria dos historiadores e acadêmicos, atenção. Pelo menos até os anos finais da década de 1970 e início dos anos 1980. Muitos o veem como algo menor. Talvez por preconceitos adquiridos através da visão de anarquistas, anarcos-sindicalistas, socialistas e comunistas, que viam no esporte um fator de alienação à causa operária. Talvez por ter sido usado como veículo para a popularização de governos, especialmente no período militar. Talvez, mais recentemente, pelas denúncias de corrupção por ocasião da organização da Copa de 2014 no Brasil.

Não há como negar que, particularmente no Brasil, a prática futebolística está inserida nas relações sociais e, como tal, sujeita a novas participações, a novos sentidos e a novos significados. Desta forma, é parte integrante das mudanças engendradas pelo processo histórico brasileiro. Desta forma, desprezar o tema é rejeitar o cotidiano, o lúdico, o sentimento que permeia gerações, por onde insatisfações, frustrações e explorações são extravasadas, mesmo sem clareza, de um povo que sempre lutou, que continua lutando, mesmo quase sempre seguindo a

sina da perda, da derrota diária.

Certo é que o futebol é um reflexo do que somos e de como temos olhos ao mundo e que, historicamente, emergiu das elites, popularizou-se, foi absorvido como elemento nacionalista pelo Estado e acabou tomado pelos interesses capitalistas.

Objetivos

Apontar os caminhos trilhados pelo futebol no Brasil: introdução, popularização, absorção pelo Estado e pela mídia, espetacularização (atendendo aos interesses do capital).

Apropriação do Futebol pelo povo

Na atualidade, quando vemos noticiadas brigas entre torcedores de clubes de futebol rivais, ou que fanáticos procuram agredir atletas que não correspondem às expectativas nos times que defendem, ou que trens foram destruídos após uma partida de bola por torcedores derrotados, podemos questionar: “por que o povo brasileiro parece ter sido educado para achar que seus problemas resumem-se ao futebol?”. Talvez a pergunta deva ser colocada de forma diferente: “por que o futebol traz revolta e o desemprego e a violência, a triste condição da educação ou da previdência, a fome e a opressão, nem tanto?”. Difícil responder sem que haja um aprofundamento na questão. O fato é que (no Brasil em especial) uma derrota do time pelo qual se torce, abala tanto ou mais do que a notícia de um ataque terrorista em Paris, Madri, Nova Iorque, Londres ou Moscou. Sofre-se mais com um revés do time do coração do que com os milhões de habitantes que chafurdam na miséria ou ignorância. Talvez Wisnik (Wisnik, 2008, p.11) tenha razão ao afirmar que “viver o futebol dispensa pensá-lo, e, em grande parte, é essa dispensa que se procura nele”.

Na condição de elemento central da cultura brasileira, o futebol marca a

paisagem urbana, seja de uma grande ou de uma pequena cidade. Tal qual uma igreja, um estádio - acanhado ou monumental - tem marcante centralidade funcional e simbólica.

E por que a bola atrai tanto e a tantos? Talvez por ser perfeita em todos os lados, por não possuir rosto, por poder rolar infinitamente pelo mundo, não observando fronteiras. Esta mesma bola – elemento de desejo do praticante de futebol – que seguiu os caminhos evolutivos capitalistas, midiáticos e evolutivos, combinando a história social e econômica da prática futebolística: saiu-se de uma condição agrária para uma condição industrial, atestando a evolução contemporânea. Bola: símbolo do poder e o meio único de se chegar ao fim, usada pela publicidade como objeto do inconsciente humano, fisingando o desejo dos indivíduos para a felicidade de quem dela se apodera como meio publicitário.

O Brasil digeriu o "foot-ball", roubando-o dos ingleses. E foi graças a ele que, de reconhecido sentimento de inferioridade, ganhamos certa autoestima. Até mesmo negros e mestiços passaram a ser (mesmo que não completamente) aceitos e reconhecidos através do "jogo da bola". Talvez tal absorção se dê pelo fato do futebol ser um esporte de fácil assimilação e improvisado.

Futebol se joga como se guerreia: com as armas que se possui, com os espaços geográficos, políticos e sociais que se tem. A prática está vinculada ao poder e à tentativa de vencer bloqueios à base da força e da estratégia

Talvez o grande atrativo para os admiradores do esporte seja o fato de que o pequeno pode vencer, diferentemente de outros esportes coletivos. Países como o Brasil o incorporaram rapidamente, talvez como uma das únicas formas de se sentir grande, talvez porque a prática não dá o direito do vencedor de portar-se com extrema arrogância, nem ao derrotado sentir-se menor. Até porque o futebol é cíclico: uma derrota hoje pode ser

rapidamente absorvida pela vitória na peleja seguinte.

A absorção do futebol pelo Estado e pela Mídia

A ideia de nacionalismo propicia um sentido de horizontalidade, construindo solidariedades a partir de produtos culturais específicos, tais como bandeiras, heróis, hinos, museus, recenseamentos, datas oficiais, romances, entre outros. Dentre esses outros, aponto para o futebol.

A edificação do futebol como febre entre os brasileiros durante as duas primeiras décadas do século XX, trouxe, na década seguinte, a absorção da prática como um dos itens que poderiam constituir no país seu nacionalismo. É provável que o futebol tenha se arraigado na cultura brasileira por usar os pés, assim como rituais indígenas, como o samba e a capoeira. Talvez, também, por representar setores sociais menos favorecidos da sociedade brasileira, elevando-se como possibilidade de ascensão social, sucesso e reconhecimento.

Contribuíram para isso algumas conquistas internacionais brasileiras, principalmente os campeonatos sul-americanos de 1919 e 1922.

O Estado Novo (1937-1945), sob o comando de Getúlio Vargas, marcou, definitivamente, a transição de uma sociedade eminentemente agrária para uma sociedade urbano-industrial (Kupper & Chenso, p. 248). No período, os princípios liberais da economia foram abandonados, passando o Estado a regulamentar as atividades produtivas do país, além de tornar-se a principal fonte de investimentos diretos.

Em seu projeto nacionalista, Vargas passou a valorizar nossos documentos históricos, criou o Ministério da Educação (inclusive com a obrigação de se ver estampado o Hino Nacional nos cadernos escolares), edificou-se como um líder nacional através, entre outros, de

suas fotos posadas, valorizou patrimônios históricos e apostou nos esportes (destaque ao futebol), na tentativa de fazer do Brasil uma Nação, ou seja, um território congregado, independentemente das diferenças sociais e econômicas de sua população. Para tanto passou a ser praticada uma “arquitetura desportiva” através do erguimento de praças esportivas, colônias de férias, clubes e escolas de Educação Física voltadas para a juventude do país, para o operariado e descendentes e para menores distribuídos entre cortiços e favelas. Tais estruturas teriam incutido entre os brasileiros as representações oficiais, a integração nacional e o sentimento patriótico.

Dentro do projeto de Getúlio Vargas, o futebol assumiu papel importante na trajetória política nacional e na busca da construção da identidade nacional. Ou seja, na Era Vargas, o esporte em questão, até então vinculado ao lazer, ganhou, nos anos 1930, importância de Estado, já que a proposta governamental passava à visão de que ricos, pobres, trabalhadores, brancos, negros e mulatos deveriam ter direito à participação através do futebol. A mensagem estava dada: da montagem de um clube de bairro à montagem do selecionado nacional, o imaginário de nação através do pertencimento deveria estar presente.

Com Getúlio Vargas, o mundo do trabalho passou a incorporar heróis nacionais, tais como Domingos da Guia e Leônidas da Silva. Não sem a colaboração da mídia esportiva, quando jornalistas como Mário Filho, através de colunas no jornal *A Crítica*, do *Globo Esportivo* e *Jornal dos Sports*, consegue não apenas indicar os resultados das pejejas de futebol (em especial do Rio de Janeiro, capital federal), mas também criar um mundo próprio para a prática através de acompanhamentos diários de treinos dos clubes, de concursos de torcida, da “humanização” e

“desumanização” de jogadores, de eleições de ídolos e heróis coletivos, assim como de craques da bola.

Em 1931, a PRAR (Rádio Record de São Paulo) inaugurou seu primeiro programa de esportes: “Record nos Esportes”, efetuado em conjunto com o jornal “A Gazeta Esportiva”. No rádio, a autorização para a veiculação de propagandas a partir de 1932, tornou-se um ingrediente poderoso no processo. No ano seguinte, partidas inteiras passaram a ser narradas via rádio no Brasil.

Não por acaso, próprio das intenções varguistas, foi idealizada a Taça Rio-São Paulo, procurando aproximar os dois eixos mais importantes do futebol brasileiro, transformando-os em eixo único (tentativa de superação do sentimento regional em prol do nacional). No ano de 1933, foi instituída a profissionalização do futebol (superando o chamado “profissionalismo marrom”), além de criar obstáculos para o êxodo de jogadores brasileiros para o exterior.

A utilização da imprensa para o projeto varguista foi de extrema importância. Pesquisa do Departamento Nacional do Comércio atestava o quanto os periódicos esportivos foram os que mais cresceram em número nas primeiras décadas do século, afinal saltaram de cinco jornais em 1912 para cinquenta e oito em 1930³.

A derrota da seleção brasileira para a italiana na Copa de 1938 (o país conquistou, no entanto, o terceiro lugar ao bater a Suécia), especificamente em 16 de Junho, fez a população chafurdar em tristeza. De todos os cantos do país, notícias chegavam apontando para o desapontamento pela derrota.

Fato é que a Copa de 1938 teria alcançado seus objetivos, seja de utilizar o futebol para um projeto de união do país.

3 Departamento Nacional de Comércio, 1942, Rio de Janeiro (O Brasil atual: riquezas naturais, forças econômicas, progresso), p. 210

Procurando vincular-se à paixão que tomava conta de boa parte da população brasileira e consolidar o vínculo nação-esporte, principalmente após a Copa francesa, Getúlio passou a utilizar-se do estádio do Vasco da Gama para as celebrações oficiais de seu governo (apenas em 1944 utilizou-se do estádio do Pacaembu, em São Paulo).

Da mesma forma, foi criado o Conselho Nacional de Desportos, que passou a ditar o modelo dos estatutos, dos clubes de todo o país. Formaram-se, sob a tutela governamental, as ligas classistas de futebol, regulamentando os torneios realizados entre empresas.

O momento capital da dominação do futebol pela mídia se deu a partir da Copa da Suíça de 1954, quando a televisão passou a dar à prática cobertura expressiva, suplantando a partir dali a hegemonia transmissões radiofônicas.

Na Copa seguinte, na Suécia, em 1958, transmissões televisivas foram realizadas para todos os países europeus, enquanto outros continentes poderiam assistir aos jogos com atraso de aproximadamente vinte e quatro horas.

Em 1966, as redes de televisão passaram a pagar direitos de transmissão, operando com satélites artificiais. A final, que envolveu as seleções da Inglaterra e da Alemanha, teria mobilizado trinta e seis países e cerca de quatrocentos milhões de espectadores.

Nos mundiais seguintes, os números foram crescendo, com as receitas envolvendo jogos ganhando expressão significativa e tornando-se a principal fonte de arrecadação dos principais clubes, o que passou a condicionar os horários dos jogos às exigências das programações televisivas (na Copa do México, 1986, por exemplo, algumas partidas foram realizadas ao meio-dia local, atendendo às exigências midiáticas, com o produto tornando-se mais importante do que o esporte em si).

Apropriação do futebol pelas intenções capitalistas

Deve ser observado que os estádios modernos, caso do Mineirão (acima), a estrutura determinada pela FIFA, é que pareçam como um centro de lojas moderno (shopping), com ideia de venda; como uma ópera, para apreciação; como uma prisão, como local determinado para determinado fim.

A partir da globalização capitalista, as barreiras geográficas rompem-se. Nas equipes mais bem estruturadas – particularmente na Europa – brasileiros, argentinos, nigerianos, italianos, espanhóis, entre outros, estruturam equipes universais. Um dos maiores propósitos de tal universalização seria o reconhecimento dos consumidores com os produtos lançados no mercado, padronizando o consumo. Desta forma, contratar e apresentar em seu elenco um jogador africano, por exemplo, atrai espectadores do continente, visualizando produtos, especialmente através de veículos de comunicação como a televisão.

A possibilidade da universalização do futebol em dias globalizados tende a fazer do futebol uma prática-espetáculo, descaracterizando as paixões regionalizadas, fazendo surgir o que Giuliotti (2002, p. 188) denominou de “pós-torcedores”. Mesmo a modernização dos estádios estaria restringindo a participação popular, uma vez que os ingressos tornam-se, progressivamente, mais caros, limitando acessos. Com a iniciativa, o torcedor torna-se mais comportado e comedido, atendendo aos interesses capitalistas ao afastar populares torcedores. Soma-se ao contexto a proliferação dos veículos de comunicação (especialmente Internet) que tem criado a figura do torcedor virtual e televisivo, o que favorece o engrandecimento da indústria de entretenimento e o controle social (especialmente no futebol europeu, já que no continente sul-americano são

mantidos resquícios da identificação através do apego a alguma agremiação).

Atualmente, a organização e valorização de torneios entre clubes globalizados (tal como a Liga Europa ou Premier Ligue), com equipes transnacionalizadas, estaria esvaziando torneios entre seleções como a Copa do Mundo e a Copa das Confederações, assim como os torneios regionais (vale observar que, excetuando o Campeonato Paulista de Futebol, os demais campeonatos regionais têm perdido valor).

Considerações Finais

Fato é que o futebol talvez tenha sido o primeiro instrumento de autoestima do brasileiro diante e perante o mundo. Afirmar que o futebol seria uma invenção das classes dominantes para manipular os trabalhadores ou uma apropriação e resistência dos segmentos sociais dominados, parece-me pouco, pequeno. Um instrumento para manter ou transformar? Para integrar ou desintegrar?

Aos poucos, clubes financiados por empresas – a exemplo do Bangu, proliferaram no Brasil. Várias seções, vários times, o que passou a exigir certa organização.

Para os trabalhadores, não só a diversão, mas a possibilidade de ascensão na fábrica a cargos mais elevados e mais bem remunerados. Seja como for, a promoção e sucesso do futebol promovia a empresa e seus produtos no mercado, ou seja, a prática servia como veículo publicitário da organização capitalista.

Perante o avanço do futebol no Brasil, nas primeiras décadas do século XX, anarco-sindicalistas passaram a promover festivais, piqueniques e excursões ao ar livre e em locais públicos. Nas atividades, o futebol. Anarquistas, por sua vez, criticavam o baile e o futebol por serem elementos culturais próprios das elites burguesas, mas toleravam o jogo da bola se em prol da pregação libertária.

Para os comunistas, o futebol, ao ser desenvolvido entre trabalhadores operários, prejudicava a luta contra os patrões, enfraquecendo a luta operária, além de exaltar o nome da empresa. Porém, com o tempo, comunistas passaram a difundir a proletarização do esporte numa tentativa de aproximar os trabalhadores da luta sindical, passando a defender o controle dos sindicatos sobre a prática. Pareciam desconhecer que o futebol já fazia parte da cultura operária.

Seja como for, entre idas, vindas e incertezas, anarquistas, anarco-sindicalistas e comunistas colaboraram para o crescimento e popularização do futebol que, ao ocorrer, ganhou significados simbólicos, ideológicos, sociais e econômicos, transformando-se em fenômeno social muito bem aproveitado pelo Estado Novo (1937-1945), quando o regime passou a intervir nas associações esportivas com a criação do Conselho Nacional de Desportos, ditando o modelo dos estatutos a serem acatados pelos diversos clubes do país. Ou seja, a elevação do nome das empresas, foi absorvida pelo Estado, não sem o apoio de veículos de comunicação (jornais e rádios).

A globalização capitalista estaria trazendo consequência para a relação futebol-nacionalismo, ferindo o ideário nacional.

Durante a Copa do Mundo de 2006, por exemplo, boa parte da mídia nacional destacou o suposto fracasso da seleção brasileira à ausência de contato dos jogadores brasileiros com o povo brasileiro e suas expectativas. Paralelamente, os discursos televisivos procuraram enfatizar e motivar os brasileiros a torcer, exaltando o sentimento nacional.

Das elites para o povo. Do povo para o Estado. Do Estado para a Fifa. De pé em pé, a bola rola.

Referências

- ANDERSON, Benedict Anderson. Comunidades imaginadas: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo. São Paulo: Companhia das Letras, 2008, tradução de Denise Bottman
- ANTUNES, Fátima M. O futebol nas fábricas. Revista USP, SP, Dossiê Futebol, n.22, 1994
- BENJAMIN, Walter. “Brinquedos e Jogos”. In *Reflexões sobre a criança, o brinquedo e a educação*. Tradução de Marcos Mazzari. São Paulo: Duas Cidades/Editora 34, 2004
- CUNHA, Loris B. A verdadeira História do Futebol Brasileiro. RJ: Editora Publicitária, 1994
- DAMO, Arlei. Do dom à profissão: Uma etnografia do futebol de espetáculo a partir da formação de jogadores no Brasil e na França. Porto Alegre: UFRGS (Tese de Doutorado), 2005
- FILHO, Mário . O negro no futebol brasileiro. Rio de Janeiro: Fimco, 1994 (1947)
- FRANCO JR, Hilário. A Dança dos Deuses: futebol, sociedade, cultura. SP: Companhia das Letras, 2007
- GIULIANOTTI, Richard. Sociologia do futebol: dimensões históricas e socioculturais do esporte das multidões. São Paulo: Nova Alexandria, 2002
- HARDMAN, Francisco. Nem Pátria, nem Patrão. São Paulo: E-VUNESP, 2002
- HERSCHMANN, Micael & LERNER, Kátia. Lance de Sorte: o futebol e o jogo do bicho na Belle Époque. RJ: Diadorim, 1993
- HOBBSBAWN, Eric. Nações e nacionalismo desde 1780. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990; Benedict Andersen. Nação e consciência nacional. RJ: Ática, 1989
- KFOER, Franklin. Com o futebol explica o mundo, Trad. De Carlos Alberto Medeiros. RJ: Jorge Zahar, 2005
- KUPPER, A. & CHENSO, P. A. História Crítica do Brasil. SP: FTD, 1998
- PEREIRA, Affonso de M. Footballmania: uma História Social do Futebol no Rio de Janeiro, 1902-1938. RJ: Nova Fronteira, 2000
- ROSANVALLON, Pierre. Por uma História do Político. Tradução de Christian E. Lynch. SP: Alameda, 2010
- SANTOS, Joel Rufino dos. História política do futebol brasileiro. São Paulo: Brasiliense, 1981
- SEVCENKO, Nicolau. Orfeu Estático na Metrópole. São Paulo: Cia. das Letras, 1992
- WISNIK, José M. Veneno Remédio – o futebol e o Brasil. São Paulo: Cia. das Letras, 2008